

A música e a cegueira: realidade e equívocos

Edibergon Varela Bezerra

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

edbergon@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho apresentará um recorte de uma pesquisa de mestrado que tem como tema: música e o cego. O objetivo desse trabalho é trazer uma breve ideia acerca do mundo musical do cego, sua adaptação ao mundo musical, equívocos no que tange sua aprendizagem musical e os fatores que contribuem para seu desenvolvimento musical. Como metodologia foi utilizada a pesquisa bibliográfica e os conhecimentos empíricos. Como resultado foi observado que se faz necessário conhecer os conceitos e as particularidades que a cegueira tem, bem como procurar conhecer o aluno cego a partir da sua singularidade. O mundo musical do cego é composto por uma variedade de possibilidades musicais e independe de sua condição física, cognitiva ou sensorial, é necessário dá condições para que a mesmo se desenvolva em toda sua plenitude.

Palavras chave: Cego. Educação musical. Aprendizagem musical.

O mundo do cego

O mundo para quem enxerga é formado por uma diversidade de cores, movimentos e objetos, esses percebidos ao longe. “A visão é o sentido que nos une fundamentalmente ao mundo objetivo e integra os demais sentidos para que as informações externas oriundas dos estímulos viso-sensoriais sejam apreendidas de forma imediata, constante e plena”. (COIMBRA, 2003, p. 51). Quem dispõe da visão, pode admirar a paisagem da natureza, olhar para o céu anoite e admirar as estrelas. Mas com relação as pessoas que não enxergam? Vamos procurar compreender como será o mundo para as pessoas que não dispõem da visão.

A pessoa com cegueira constrói um universo diferente de quem enxerga, é um universo construído pelo toque, através do ouvir e do cheirar. No filme *Celebração aos 4 sentidos*, os filhos de um casal de cegos, presenteiam os pais em comemoração ao aniversário de casamento com um dia de sensações. Por meio da audição, olfato, tato e paladar.

Audição – o primeiro momento foi acordar os pais ao som da Orquestra Filarmônica Internacional. Os pais ficaram muito maravilhados ao escutar o belo som produzido pelo os instrumentos de corda – violinos, violas e violoncelos com a música de Puccini.

Olfato – os pais são levados à uma fábrica de perfumes. Ao sentirem os aromas, passaram a reviver alguns momentos de suas vidas, como por exemplo, quando andavam pelos jardins na primavera.

Tato – fazia muito tempo que o pai não tinha contato com os amigos e familiares e por meio do tato foi proposto a ele que tentasse reconhecer todos apenas pelo toque.

E por fim, o Paladar – o chefe de cozinha responsável por preparar o menu para os pais disse que, “é esse um dos sentidos que os cegos têm mais desenvolvidos, que o seu, que o meu. Eu quero que isso exploda”. Então, o chefe teve como objetivo proporcionar aos pais a alegria por meio da degustação.

Ao final, os filhos falaram que os pais os ensinaram que há duas maneiras de pensar a vida: podemos viver lamentando de tudo o que falta. Reclamando pelo sentido que a vida não nos deu ou aproveitar ao máximo aquilo que temos.

Sacks (2010, p. 179), diz que, “ficar cego, especialmente em uma fase avançada da vida, traz um desafio colossal, potencialmente esmagador: encontrar um novo modo de viver, de ordenar o mundo pessoal, quando o velho mundo foi destruído”. A maneira como será construída essa nova vida, dependerá de como ocorreu a perda visual, se foi repentina ou gradual. Quando a pessoa fica sabendo que aos poucos irá perder a visão e ficará totalmente cega, ela terá um tempo para uma melhor adaptação e preparação emocional. Mas se essa perda acontecer de forma repentina, normalmente a adaptação será mais difícil. Pois, antes dessa adaptação ocorrerá o momento de luto, um momento de lamento. A família é essencial para sua superação.

A partir de uma força motivacional externa que movimenta a pessoa com deficiência visual para seguir sua vida em frente, ela precisa internalizar essa motivação e tomar os objetivos da família para si, possibilitando uma automotivação.

A perda da capacidade visual pode ocasionar prejuízos na qualidade de vida em função de restrições ocupacionais (escola e trabalho), econômicas, sociais e psicológicas (GASPARETTO; NOBRE, 2007, p. 46 apud MONTILHA, 2006).

Embora, grande parte da dificuldade enfrentada pela pessoa com deficiência visual seja responsabilizada pela falta de visão, “cabe ressaltar que a capacidade funcional não está relacionada apenas aos fatores visuais, mas também às reações da pessoa a perda visual e aos fatores ambientais que interferem no desempenho”. (CARVALHO et al., 2005 apud GASPARETTO; NOBRE, 2007, p. 37). Portanto, se imaginarmos uma pessoa que enxerga sem estímulos do ambiente em que vive e sem acesso a materiais didáticos, essa pessoa provavelmente terá dificuldades de aprendizagem. Sendo assim, isso é o que pode acontecer à uma pessoa com deficiência visual, pela falta de condições e acesso, ela terá inúmeras dificuldades de aprendizagem, mas isso não quer dizer que é pela falta do sentido visual. Essa falta de estímulo não prejudica a aprendizagem apenas das pessoas com deficiência visual, mas qualquer um que não tenha oportunidades de condição ou/e de acesso, apoio familiar e educacional.

A adaptação do cego ao mundo

Vygotsky (1997) diz que a cegueira provoca no indivíduo um processo de compensação a esse comprometimento. Compensação está compreendida como um processo social, e não orgânico. Nos sistemas da psicologia que colocou no seu centro o conceito integral da personalidade, a ideia de compensação desempenha um papel preponderante. (VYGOTSKI, 1997, p. 41).

E é este processo orgânico, visão paradoxal em primeiro lugar, que transforma a doença em um estado de maior saúde, fraqueza em força, o veneno na imunidade, e isso é chamado de compensação. Sua essência é reduzida como segue: qualquer deterioração ou ação prejudicial sobre as causas do organismo por esta reação defensiva, muito mais forte e forte que precisava para paralisar o perigo imediato. (VYGOTSKI, 1997, p. 41 - 42).

Sacks (1995, p. 138 apud MANSINI, 2013, p. 90) diz que, “Nós, com a totalidade dos sentidos, vivemos no espaço e no tempo; os cegos vivem num mundo só de tempo. Porque os cegos constroem seus mundos a partir de sequências táteis, auditivas e olfativas”. O mundo de uma pessoa cega é temporal. Há um sistema de adaptação altamente eficiente do organismo, direcionado para a evolução e o desenvolvimento, independentemente dos defeitos e dos males que possam acometer a função cerebral (cf. Sacks, *ibid*). (MANSINI, 2013, p. 90)

Contrapondo a ideia de Vygotski, “os neurocientistas cognitivos sabem, já há algumas décadas, que o cérebro tem muito mais plasticidade do que se pensava”. (SACKS, 2010, p. 182). Em relação aos cegos, “estudos comparáveis com cegos congênitos ou pessoas que ficaram cegas com pouca idade mostram que algumas áreas do córtex visual podem ser realocadas e usadas para processar sons e sensações do tato”. (SACKS, 2010, p. 182). Sendo assim, “com essa realocação de partes do córtex visual, a audição, o tato e outros sentidos podem adquirir nos cegos uma hiperacuidade talvez inimaginável para qualquer pessoa que vê”. (SACKS, 2010, p. 182).

O mundo musical do cego

A música faz parte da vida de todas as pessoas, algumas vezes de forma mais ativa, outras vezes passiva. Cada uma delas se relaciona com a música da forma que deseja e conforme a vida lhe apresenta. Neste sentido, a oportunidade de vivenciar a música, não está relacionada com a condição física, cognitiva ou sensorial das pessoas. A música está à nossa volta, e precisamos apenas de uma oportunidade para conhecê-la e usufruir das diversas possibilidades que ela nos oferece.

Como discurso, a música significativamente promove e enriquece nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo. Não é de se admirar que a música seja tão frequente interligada com dança e cerimônia, com ritual e cura, e que tenha um papel central em celebrações de eventos marcantes da vida: nascimento, adolescência, casamento, morte. (SWANWICK, 2003, p. 18).

Às vezes a música tem o poder de nos alçar do ordinário, de elevar nossas experiências além do dia-a-dia e do lugar comum. (SWANWICK, 2003, p. 19). Portanto, a música é uma expressão humana. Faz parte do homem desde sua origem. Para John Blacking “a música é o som humanamente organizado”.

Quando falamos que a música faz parte da vida de todas as pessoas, também estamos falando das pessoas com surdez, deficiência intelectual, das pessoas com deficiência visual, ou seja, todos seres humanos. Destaco as pessoas com deficiência, porque normalmente quando as mesmas passam a ter um contato mais direto com a música, é comum pensar essas aulas como um momento de lazer ou que a música seja utilizada como terapia. A música também promove momentos de lazer e pode ter uma função terapêutica, no entanto, o questionamento a ser discutido, está relacionado a maneira de pensar a música quando direcionada as pessoas com deficiência, como se a música tivesse apenas a função de lazer e/ou terapia quando envolvem essas pessoas.

Quando voltada para a Educação Musical, a música tem muitos outros objetivos, como, educacionais, profissionais, bem como um elemento de grande relevância na formação humana. Portanto, quando a música é direcionada as pessoas com deficiência, esses objetivos são preservados, no entanto, cabe ressaltar que os avanços com o trabalho musical, em muitos casos, não dependerão somente de questões didáticas, mas de outros fatores, como: conhecimento acerca da deficiência, sensibilidade profissional e adaptação dos materiais.

Conhecimento da deficiência: o aluno com deficiência é uma pessoa com capacidades e limitações, sendo que, estas limitações em algumas situações estão relacionadas diretamente com a deficiência. A partir da compreensão acerca da deficiência, o professor terá uma conscientização de quais estratégias poderá utilizar, procurando novos caminhos, objetivando a aprendizagem do aluno.

Sensibilidade profissional: essa sensibilidade diz respeito ao ver além da deficiência. Considerar o aluno com deficiência como um ser apto a se desenvolver e aprender. Levando em consideração a diferença do tempo de aprendizagem tanto do aluno como seu próprio

tempo. Sendo importante, não somente a conquista dos resultados pré-estabelecidos, mas o processo e os pequenos avanços durante a caminhada.

Adaptação dos materiais: ao desenvolver atividades musicais com o aluno com deficiência visual, se faz necessário disponibilizar as partituras em Braille, da mesma forma que seria disponibilizada uma partitura em tinta para um aluno que enxerga. Em uma aula de harmonia o professor explica para todos os alunos a relação intervalar entre as notas musicais. Entre os alunos videntes, havendo um com deficiência visual, para a melhor compreensão desse aluno, o professor pode adaptar, por exemplo, em um pedaço de madeira retangular com vários furos preenchidos por pinos de metal, essa relação intervalar. Com essa adaptação, o aluno com deficiência visual terá a oportunidade de compreender o conteúdo de uma forma concreta. Enquanto os que enxergam estão tendo uma imagem visual da estrutura intervalar, o aluno com deficiência visual, terá a percepção tátil dessa estrutura e a partir disso construir uma imagem mental.

Mas tratando da música para as pessoas com deficiência visual, surge a ideia de que elas têm facilidades para aprender música, pois na ausência da visão, elas desenvolvem um bom ouvido. Será que todo cego tem grandes habilidades musicais?

Então, para refletirmos acerca dessa questão, abordaremos o mito por traz desse discurso fortemente enraizado pelas pessoas.

Equívoco acerca da aprendizagem musical do cego

Ao longo da história, foi perpetuado a ideia que a pessoa ao ficar cega, passa a ter poderes místicos e grandes habilidades musicais. Embora, da antiguidade para cá, tenha acontecido grandes mudanças com relação à essa forma de pensar, hoje, ainda nos deparamos com comentários dessa natureza, como por exemplo, “é importante trabalhar a música com o cego, pois ele tem uma audição mais desenvolvida”, ou “o cego tem maior facilidade de aprender música”. Segundo Tomé (2003, p. 14),

a audição, o tato, o olfato e o paladar, embora auxílios valiosos para os cegos, não são compensação sensorial para quem perde a visão. O cego não é dotado de capacidade invulgares nem possui memória extraordinária. O

que é simples condicionamento para as pessoas videntes, significa árdua conquista para o cego. (TOMÉ, 2003, p. 14),

A ideia que toda pessoa com deficiência visual tem um ouvido musical desenvolvido e por isso são destinados a seguir uma carreira musical, é um equívoco, embora seja mais comum do que imaginamos. Tratando desse mito, Bonilha (2006, p. 59) diz que, “trata-se, pois, de uma generalização equivocada, já que a inclinação para a Música não é determinada apenas pela deficiência visual”. Sacks (2012, p. 173) diz que, “a canalização de cegos para a vida de músico é um fenômeno social, pois costuma-se achar que eles não têm acesso a muitas outras ocupações. No entanto, nesse caso as forças sociais combinam-se a poderosas forças internas”. Então, uma das justificativas no que tange a escolha do cego pela música, está na oportunidade de acesso a ela.

Baseado neste mito, alguns professores de música quando vão ensinar ao aluno cego, utilizam prioritariamente estímulos sonoros. Os estímulos sonoros fazem parte da aprendizagem musical de todas as pessoas, no entanto, é necessário a utilização da escrita musical, dando oportunidade de acesso as inúmeras possibilidades musicais. Mas quando, o ensino musical é direcionado as pessoas com deficiência visual, alguns professores acabam limitando esse acesso, por equívoco ou falta de conhecimento acerca da escrita em Braille. Louro (2012, p. 262), também fala deste engando quando diz que, “as pessoas fantasiam a respeito de tal deficiência, o que pode suscitar expectativas equivocadas, como por exemplo, pensar que todo cego tem talento ou que a cegueira faça com que ele tenha uma audição melhor”.

Desenvolvimento musical do cego

Como foi falado anteriormente, a pessoa com deficiência visual não adquire habilidades musicais apenas devido à perda da visão, mas por meio da estimulação sensorial, para que a partir da falta da visão, ela possa desenvolver os sentidos remanescentes como, audição e a percepção tátil, direcionando essas capacidades para o seu desenvolvimento musical.

Em relação à audição, a pessoa com deficiência visual precisa construir habilidades auditivas para as necessidades de locomoção, bem como para a aprendizagem musical. Bonilha (2006, p. 79) corrobora com a ideia defendida anteriormente quando diz que, “suas capacidades auditivas, adquiridas como consequência do uso mais intenso e frequente da audição, não são totalmente canalizadas para o desenvolvimento de habilidades musicais”. Assim sendo, mesmo o cego tendo uma capacidade auditiva desenvolvida, como por exemplo, identificar o tamanho de uma sala por meio da acústica do ambiente e reconhecer vozes, não o garante um bom desenvolvimento musical, como: identificação das notas musicais, intervalos e uma boa afinação vocal. É preciso um trabalho de sensibilização musical e que suas habilidades auditivas sejam concentradas e direcionadas para o desenvolvimento de habilidades musicais.

Quando a pessoa cega se convence ter um “bom ouvido” existe uma acomodação com relação a aprendizagem auditiva e não é dada uma maior importância aos outros sentidos. Bonilha (2006, p. 182) também fala que, “Paralelamente, tem que transmitir ao deficiente a formas musical Braille, porque muitos deles aprenderam de ouvido e o deficiente com um bom ouvido se adiantou mais do que o conhecimento do Braille”. Sendo assim, é necessário que além do estímulo auditiva a pessoa com deficiência visual deva ser estimulada a aprender o Braille.

Considerações finais

O mundo musical do cego é composto por inúmeras possibilidades musicais. Independe da condição física, cognitiva ou sensorial da pessoa, é necessário dá condições para que a mesmo se desenvolva. Foi observado o quanto ideias equivocadas acerca da aprendizagem musical da pessoa cega estão enraizadas na sociedade. Precisamos deixar de lado conceitos generalizadores, estigmas e passar a ver o aluno como ele é, com suas possibilidades e limitações. Contudo, para que consigamos chegar a essa sensibilidade como educadores, se faz necessário a aquisição de conhecimentos específicos no que diz respeito as condições do aluno. Os educadores precisam conhecer a deficiência do aluno, procurando entender as implicações educacionais que essa deficiência promove.

Referências

- BONILHA, Fabiana Fator Gouvêa. **Leitura musical nas pontas dos dedos:** caminhos e desafios do ensino da musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores. 2006. 233f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- COIMBRA, Ivanê Dantas. **A inclusão do portador de deficiência visual na escola regular.** Salvador: Edufba, 2003. 238 p.
- GASPARETTO, Maria Elisabete R. F.; NOBRE, Maria Inês R. S. Avaliação do funcionamento da visão residual: educação e reabilitação. In: MASINI, Elcie F. Salzano (Org.). **A pessoa com deficiência visual:** um livro para educadores. São Paulo: Vetor, 2007. 259 p.
- LOURO, Viviane dos Santos. **Fundamentos da aprendizagem musical da pessoa com deficiência.** São Paulo: Editora Som, 2012. 296 p.
- MASINI, Elcie F. Salzano (Org.). **A pessoa com deficiência visual:** um livro para educadores. São Paulo: Vetor, 2007. 259 p.
- MASINI, Elcie F. Salzano. **O perceber de quem está na escola sem dispor da visão.** São Paulo: Cortez, 2013. 144 p.
- SACKS, Oliver. **O olhar da mente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 219 p. Tradução: Laura Teixeira Motta.
- SACKS, Oliver. **Alucinações musicais:** relatos sobre a música e o cérebro. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 396 p. Tradução de: Laura Teixeira Motta.
- SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna, 2003. 128 p.
- TOMÉ, Dolores. **Introdução à musicografia Braille.** São Paulo: Global Editora, 2003. 109 p.
- VYGOYSKI, L. S.. **Obras escogidas V:** fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997. 391 p.